



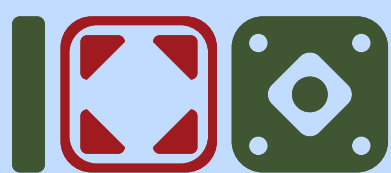
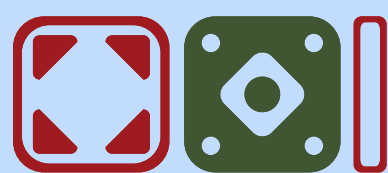
ANTONIETA BARROS

(1901-1952)

Antonieta de Barros conquistou posições quase impensáveis para uma mulher negra nas primeiras décadas do século 20. Nascida em 11 de julho de 1901 em Florianópolis (SC), ela foi professora, deputada e escreveu para os principais jornais da ilha, chegando a fundar e dirigir algumas publicações.

Antonieta assumiu como deputada estadual em 1935, propondo a criação do **Dia do Professor** e sua celebração em 15 de outubro. Foi uma das mulheres pioneiras na política brasileira e a primeira mulher negra a se eleger no país. Mulheres tinham conquistado o direito de votar e ser votadas pela primeira vez no Brasil através do Código Eleitoral de 1932, após décadas de luta do movimento sufragista.

Aos 17 anos, ela se tornou aluna da Escola Normal Catarinense, formando-se professora. Fundou em 1922 o Curso Antonieta de Barros para alfabetizar pessoas sem condições financeiras — e que dirigiu por 30 anos, até sua morte.



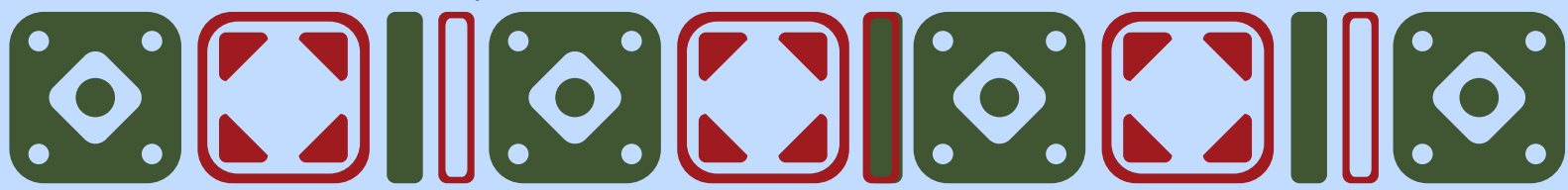
AUTA DE SOUZA (1876-1901)

Auta de Souza vive 25 anos, de 1876 a 1901 – nasce em Macaíba, Rio Grande do Norte, em 12 de setembro e morre em 7 de fevereiro. Poetisa de segunda geração romântica, é autora de *Horto*, de 1900, que a tornou a primeira poeta negra da literatura brasileira, ombreando em pioneirismo com a romancista maranhense Maria Firmina.

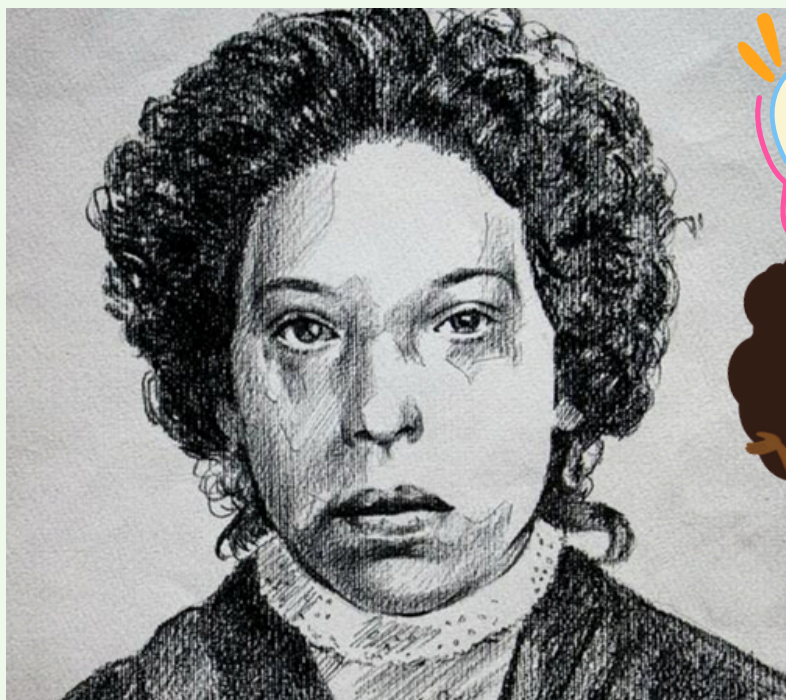
Aos catorze anos, recebe o diagnóstico tuberculose, tem que interromper seus estudos no colégio religioso e dá prosseguimento à sua formação intelectual como autodidata.

Auta de Souza vence a resistência dos círculos literários e escreve profissionalmente em uma sociedade em que este ofício era quase que exclusividade dos homens, já que a crítica ignorava as mulheres escritoras.

Disponível em: <https://primeirosnegros.com/auta-de-souza-a-primeira-poetisa/> Acesso em: 10 de Mar. de 2025



HEROÍNAS NEGRAS



Essa sou eu!!



LEUDEGÁRIA DE JESUS (1889-1978)

Nascida, em 8 de agosto de 1889 em Caldas Novas. Mudou-se para a então capital Vila Boa ainda bem jovem, e passou a participar dos círculos culturais da capital, mantendo contatos e sociabilidades com outras mulheres atuantes como: Luzia de Oliveira, Rosita Godinho, Alice Santana e Cora Coralina. Leodegária foi a primeira mulher a publicar um livro no Estado de Goiás, aos 17 anos (no ano de 1906), o livro de poesia intitulado *Corôa de Lyrios*, foi publicado pela editora Azul, de Campinas, São Paulo. Sendo essa uma obra poética com características da literatura romântica.

Após sua morte, tornou-se patronesse na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Sua importância ultrapassa o espaço da arte, porque sua obra nos permite discutir também questões de gênero e raça. Sendo ela, uma mulher negra, a publicar um livro em um cenário dominado pela intelectualidade masculina.

Em 08 de agosto de 2023, dia em que completaria 134 anos de idade, a jornalista, poeta e professora Leodegária Brasília de Jesus foi homenageada pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com o título de Doutora Honoris Causa in memoriam, em uma cerimônia marcada pelo sentimento de reparação histórica, se tornando, a primeira mulher negra a receber esse título da instituição.

Disponível em: <https://primeirosnegros.com/auta-de-souza-a-primeira-poetisa/> Acesso em: 10 de Mar. de 2025

HEROÍNAS NEGRAS



LÉLIA GONZALES (1935-1994)

Lélia Gonzalez foi uma importante intelectual e ativista brasileira. Considerada a primeira mulher negra a se dedicar aos estudos de raça e gênero no Brasil, Lélia desenvolveu forte pesquisa e militância na área. Assim, tornou-se indispensável para refletir sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira, bem como o próprio movimento negro, trazendo sempre uma perspectiva popular e humana. Nascida em Belo Horizonte (MG) em 1 de fevereiro de 1935, Lélia veio de uma família humilde. Filha de pai negro e ferroviário, e mãe indígena e empregada doméstica, teve 17 irmãos (entre eles o futebolista Jaime de Almeida).

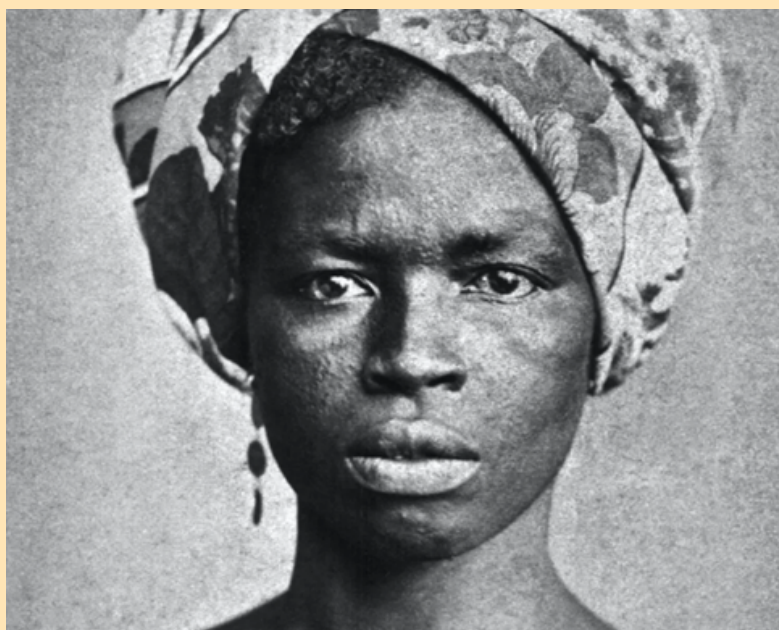
Lecionou em escolas públicas, finalizando mais tarde o mestrado e o doutorado em estudos antropológicos e políticos com viés para as questões de gênero e de etnia. Foi professora na PUC-RJ e deu aulas para o ensino médio, contribuindo para a formação de pessoas com pensamento crítico e voltado para a luta social. Na década de 70 passa a ministrar aulas em Cultura Negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

O legado que Lélia Gonzalez deixou é enorme e essencial na construção filosófica, teórica e prática de movimentos antirracistas e feministas com posicionamento alinhado à luta de classes. Com uma retórica de fácil entendimento e apoiada em argumentos sólidos, a pensadora conseguiu difundir suas ideias de maneira eficaz e objetiva.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/lelia_gonzalez/ Acesso em: 11 de Mar. de 2025.



HEROÍNAS NEGRAS



DANDARA DE PALMARES

Embora não existam registros precisos sobre sua data ou local de nascimento, é amplamente aceito que ela nasceu no Brasil e chegou ainda criança ao Quilombo dos Palmares. Essa comunidade quilombola, situada na região da atual Serra da Barriga, em Alagoas, foi um refúgio para escravizados fugitivos e se tornou um símbolo de resistência ao regime escravocrata. Dandara cresceu nesse ambiente, aprendendo as tradições africanas e desenvolvendo habilidades fundamentais para a sobrevivência e a resistência, como a prática da capoeira e o conhecimento agrícola.

Dandara casou-se com Zumbi dos Palmares, líder máximo do quilombo e uma das figuras mais reverenciadas da história brasileira. A relação entre Dandara e Zumbi transcendeu o matrimônio tradicional; eles formaram uma aliança política e militar que reforçou a resistência de Palmares. Além de participar diretamente das batalhas, ela também ajudava a criar estratégias de resistência e defesa. Era responsável por liderar homens e mulheres nas frentes de combate, desafiando as normas de gênero da época, que relegavam as mulheres a papéis secundários.

O legado de Dandara dos Palmares transcende sua época. Ela é lembrada como um símbolo de resistência, coragem e luta por liberdade. Dandara representa não apenas a luta contra a escravidão, mas também a força das mulheres negras que desafiaram as normas e enfrentaram a opressão de frente.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/dandara-dos-palmares.htm>

Acesso em: 11 de Mar. de 2025.





HEROÍNAS NEGRAS



CAROLINA DE JESUS (1914-1977)

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País. Ela é autora do livro best seller autobiográfico "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada". Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com mais sete irmãos. Com sete anos, ingressou no colégio Alan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Apesar de pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita. Em 1924, em busca de oportunidades, sua família mudou-se para Lageado, onde trabalhavam como lavradores em uma fazenda.

Somente em 1960, foi finalmente publicado o livro autobiográfico "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", com edição de Audálio Dantas. Com o sucesso das vendas, Carolina deixou a favela, e pouco depois, comprou uma casa no Alto de Santana. Apesar de ter um livro transformado em best seller Carolina não se beneficiou com o sucesso e não demorou muito para voltar à condição de catadora de papel. Em 1969, mudou-se com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi praticamente esquecida pelo mercado editorial. Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/ Acesso em: 11 de Mar. de 2025



HEROÍNAS NEGRAS



CHIQUINHA GONZAGA (1847-1935)

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, conhecida como Chiquinha Gonzaga, nasceu em 17 de outubro de 1847, no Rio de Janeiro, Brasil. Filha de José Basileu Neves Gonzaga, um militar do Exército Imperial Brasileiro, e Rosa Maria de Lima, uma mulher negra e filha de escravizados, Chiquinha cresceu em um ambiente marcado por contrastes sociais, que influenciariam profundamente sua vida e obra.

A Chiquinha Gonzaga é considerada a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil, o que ocorreu em 1885, quando ela conduziu a opereta A Corte na Roça. Esse feito foi particularmente notável em uma época em que as mulheres eram excluídas de muitas atividades profissionais, especialmente nas artes. As composições de Chiquinha Gonzaga são vastas e variadas, abrangendo diferentes gêneros e estilos musicais.

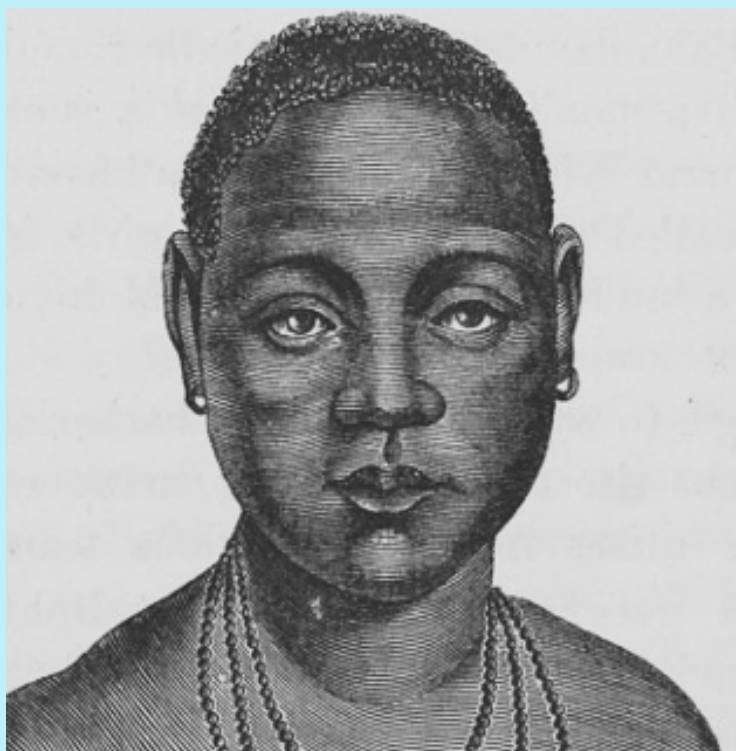
Chiquinha Gonzaga foi uma figura pioneira na música brasileira, não apenas por suas composições inovadoras, mas também por sua luta pela profissionalização da música e pelos direitos autorais, abrindo caminho para futuras gerações de mulheres na música. Chiquinha Gonzaga faleceu em 28 de fevereiro de 1935, no Rio de Janeiro, aos 87 anos, deixando um legado duradouro como pioneira da música brasileira e defensora dos direitos das mulheres.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/chiquinha-gonzaga.htm>

Acesso em: 10 de Mar. de 2025



HEROÍNAS NEGRAS



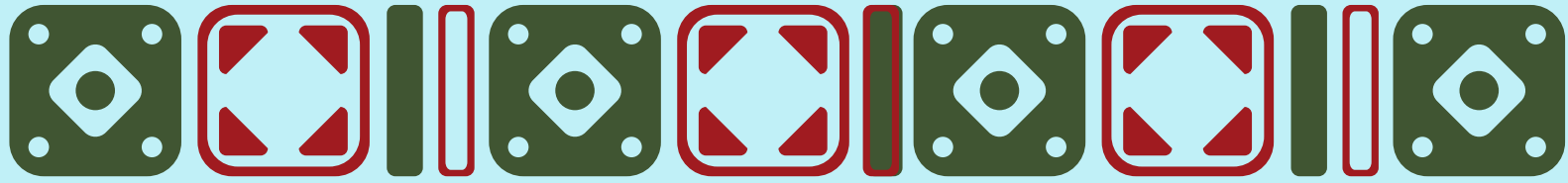
AQUALTUNE

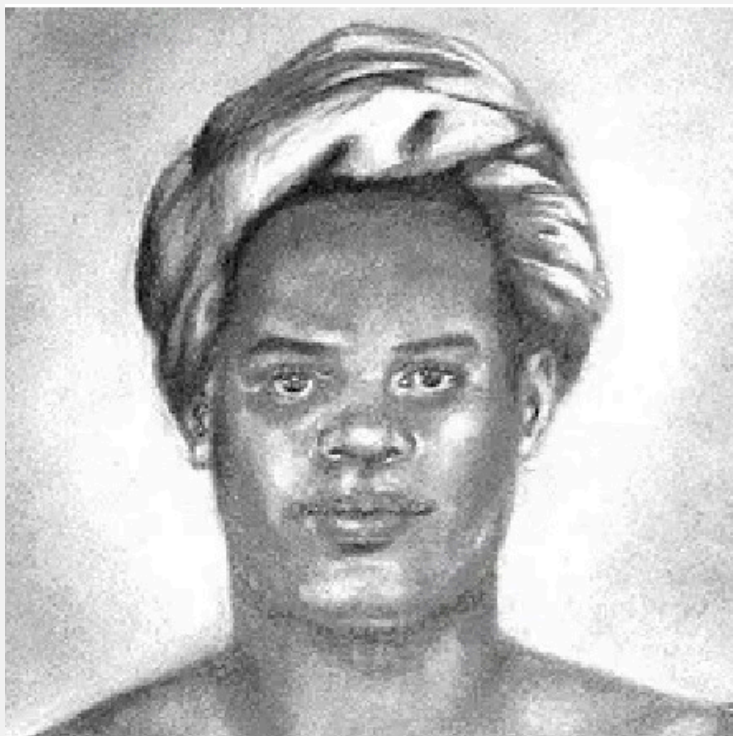
Personagem semi-lendária da história do Quilombo dos Palmares. Teria nascido no reino do Congo, de linhagem real, e liderado uma parte dos guerreiros na Batalha de Mbwiila (Ambuíla) (1665), o que resultou em sua escravização e deslocamento para a América Portuguesa, no atual Nordeste brasileiro. É lembrada como uma rainha guerreira, avó de Zumbi dos Palmares.

Aqualtune aparece mencionada nas fontes escritas pelos atacantes da comunidade palmarina. Em 1677, por ocasião dos ataques das tropas do capitão Fernão Carrilho contra o quilombo de Macaco, havia uma grande casa onde se reunia o Conselho de Chefes, entre os quais estavam Aqualtune e Ganazona, apresentados respectivamente como mãe e irmão do rei Ganga Zumba; Zumbi, apresentado como sobrinho dele; Pedro Capacaça, Amaro, Osenga e Andalaquituche, líderes de outras comunidades da confederação. Em documento do Conselho Ultramarino português datado de 1681, consta que, após a invasão do quilombo de Macaco em 1577 foram aprisionados cerca de 200 homens, dois filhos do rei e a rainha.

Ela era, pois, tia-avó de Zumbi, que assumiria a liderança dos palmarinos até 1695. Por sua capacidade de liderança e de resistência à escravidão, Aqualtune tornou-se um símbolo da luta das mulheres negras.

Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/aqualtune-seculos-xvi-xvii/> Acesso em 10 de Mar. de 2025





MARIA FILLIPA

Maria Filipa foi uma figura histórica importante na resistência contra a colonização portuguesa no Brasil, conhecida principalmente por sua coragem durante o período da Guerra da Independência do Brasil, no início do século XIX. Maria Filipa, também conhecida como Maria Filipa de Oliveira, nasceu na ilha de Itaparica, na Bahia, no final do século XVIII, e foi uma das mulheres que se destacaram como heroínas durante a Independência do Brasil.

Sua participação é particularmente lembrada na Batalha de Pirajá, que ocorreu em 1822, quando as forças brasileiras, lutando pela independência contra os portugueses, estavam em um confronto estratégico crucial. Maria Filipa ficou famosa por sua coragem e espírito de liderança.

A mais famosa ação atribuída a ela foi durante a luta contra a esquadra portuguesa que tentava controlar a região da Bahia. Ela é retratada como uma figura de coragem e liderança, especialmente em livros como "Maria Felipa: A Guerreira da Bahia" de Gilberto Freyre e "A Independência do Brasil" de Mário Maestri, que reconhecem sua importância na resistência popular e sua contribuição na conquista da independência.

Disponível em: <https://sites.usp.br/pet/ocupa/corponegro14/cesso> em: 11 de Mar. de 2025

